



# XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



## A PRESENÇA DA ANCESTRALIDADE E DA MEMÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO NÓS MULHERES DA PERIFERIA<sup>1</sup>

Carolina Roberta Peixoto do Nascimento<sup>2</sup> – Escola Superior de Propaganda E Marketing – ESPM, São Paulo SP<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo exploratório identificou que o resgate da ancestralidade, presente em histórias de vida de personagens de determinada reportagem do Nós Mulheres da Periferia, contribuem, de alguma forma, para a construção da memória social sobre mulheres negras. Considerando que a memória criada no presente tem correlação com o passado e o futuro conforme salienta GONDAR.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ancestralidade; Jornalismo; Memória; Mulheres Negras.

### 1 INTRODUÇÃO

Como retalhos em uma colcha as histórias de mulheres negras vão sendo costuradas nas reportagens do Nós Mulheres da periferia. Sendo um veículo de comunicação independente, [...] como grupos heterogêneos e horizontais, que praticam jornalismo de nicho e/ou investigativo, que se amparam em redes de apoio, promovem ações [e] produzem narrativas contra hegemônicas [...] (MARTINS, 2022, p. 95), ele se propõe a apresentar um recorte narrativo que amplia vozes historicamente marginalizadas e ou subalternizados, fazendo frente a invisibilidade social.

Fundado e autogerido, por sete mulheres<sup>4</sup> negras e periféricas, em 2014, o veículo produz jornalismo para ouvir e repercutir a história, memória e opinião de mulheres, visa, assim, contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal. A linha editorial adotada em suas reportagens tem uma abordagem atemporal, contextual e aprofundada, destacando a especialidade, vivência e análise de cada fonte.

Dessa forma proponho uma investigação a partir de histórias, que resgatam a ancestralidade de algumas personagens, contadas pelo Nós Mulheres da Periferia, questionando se esse movimento contribui com a construção da memória social sobre mulheres negras, quebrando estereótipos vinculados à elas. Considerando que [...] o campo da memória é o campo das representações coletivas (GONDAR, 2018, p.23).

### 2 METODOLOGIA

O corpus desse breve estudo, descritivo e exploratório, concentra-se na análise da reportagem, Os futuros imaginados pelas mulheres negras, produzida por Jéssica Moreira e Marília Moreira. Edição Livia Lima e Helena Bertho, publicada no dia 23 de julho de 2021 no site do Nós Mulheres da

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – PPGCOM, e-mail: [carolina.roberta@acad.espm.br](mailto:carolina.roberta@acad.espm.br)

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

<sup>4</sup> Aline Kátia Melo, da Jova Rural, zona norte de São Paulo; Bianca Pedrina, de Carapicuíba, Grande São Paulo; Jéssica Moreira, de Perus, zona noroeste; Livia Lima, de Artur Alvim, zona leste; Mayara Penina, de Paraisópolis, zona sul; Regiany Silva, da Cidade Tiradentes, zona leste; e Semayat Oliveira, da Cidade Ademar, zona sul.

Periferia. Sendo essa uma das cinco notícias que compõe a série chamada Afrofuturismo, desenvolvida em parceria com a Revista Azmina. A escolha desse objeto se deu porque nele foram ouvidas mulheres negras que imaginam futuros sem nunca esquecerem do passado, a partir das histórias e lutas delas e de suas antepassadas para manterem a memória viva.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando que no jornalismo a escolha do que registrar colabora com a definição do que fica para a memória futura, suas narrativas tecem o social a partir das histórias contadas. Referenciando-se em Paul Ricoeur, "narrar é uma forma de estar no mundo, visualizá-lo, produzir interpretações, [...] que por sua vez se transformarão em novas interpretações e em outros atos narrativos (BARBOSA, 2017, p. 19). Nessa perspectiva Gondar, 2018, afirma que é habitual conceber a memória social como a esfera por meio da qual uma sociedade representa para si mesma a articulação de seu presente com o seu passado [...] (GONDAR, 2018, p. 22).

Em uma sociedade em que a dinâmica mostra que algumas narrativas são mais relevantes que outras para serem registradas torna-se indispensável olhar pelo recorte da interseccionalidade (CRENSHAW), especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcado, a opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de gênero, raças, etnias, classes e outras. Abordar essa teoria colabora para a desmistificação das definições historicamente atribuídas às mulheres negras, sendo reservados espaços de objetificação e de violência (GONZALES). Dessa forma o papel do coletivo destaca-se para desvinculá-las desse estereótipo ligado ao não pensar (HOOKS). Tornando-se fundamental compor outras narrativas, aflorando a ancestralidade dessas sujeitas, mesmo confinadas no silêncio, subvertem para a construção das memórias subterrâneas (POLLAK).

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reportagem, corpus deste estudo, busca na ancestralidade ferramentas para tecer um presente diverso dos vividos por suas antepassadas, a partir da história de seis mulheres negras, que são insumos para a construção de memórias sociais distintas.

Ela é a primeira da família a se formar na universidade. “[...] Nem tudo explicamos academicamente, mas dou conta de saber de coisas que vieram pela sutileza dos olhares que se cruzam com os meus, com os sonhos sonhados com elas, com os aromas que me cercam, a pisada na terra que não é minha, mas é minha, com as histórias que ouço e compartilho, com os laços da fala e dos conselhos. Eu sou uma, mas sou muitas e todas nós somos um universo em nosso corpo”, acredita. (Texto: Os futuros imaginados pelas mulheres negras, no site do coletivo)

No trecho destacado observamos que a construção das narrativas não estão apenas no oral, sobretudo em seus corpos que atuam, como capital simbólico das sujeitas negras, como assinalou Stuart Hall, 2003, identificando-as como representação de suas experiências. As personagens atualizam, em suas histórias de vida e em seus próprios corpos, uma aproximação entre passado, presente e futuro, para desmistificar como a mulher negra é vista e representada socialmente.

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo exploratório buscou identificar a colaboração do Nós Mulheres da Periferia para a construção da memória social sobre a mulher negra a partir do resgate de sua ancestralidade, por meio de suas próprias narrativas. Conforme salienta (HALL, 2020) as mudanças nas formas de comunicação têm implicações diretas nas experiências individuais e coletivas.

Dá para entender a importância do trabalho que Donana faz e sua avó fazia, garantindo que as histórias não sejam esquecidas? Em suas vivências, mulheres negras como elas vêm desafiando essa lógica, construindo cotidianamente futuros possíveis, imaginados há muito tempo atrás por seus antepassados. (Texto: Os futuros imaginados pelas mulheres negras, no site do coletivo)

Para sintetizar [...] O conceito de memória, produzida no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja (GONDAR, 2018, p.17).

### Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- BARBOSA, M. **Comunicação e história**: presente e passado em atos narrativos. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.
- GONZALEZ, Léila. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpo-Cs, p. 223-244, 1984. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod\\_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf) Acesso em: 10 de maio de 2024.
- GONDAR, Jô; DODEBEI Vera (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2018.
- HALL, Stuart. **Que 'negro' é esse na cultura negra?** In:\_\_\_\_\_ Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 335-349.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2020.
- HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-478, 1995.
- MARTINS, Elaide. **Ativismo e resistência em tempos de pandemia**: as narrativas de coletivos jornalísticos sobre a Amazônia brasileira. In:\_\_\_\_\_ SARDINHA, An-tonio Carlos; LIMA, Verônica Maria Alves; LARA, Eloina Castro; BELMONTE, Valeria (Orgs.). Decolonialidade, comunicação e cultura. Macapá: UNIFAP, 2022.
- MOREIRA, Jéssica; MOREIRA Marília; LIMA Lívia; BERTHO Helena. Os futuros imaginados pelas mulheres negras **Nós Mulheres da Periferia**, São Paulo, 23 jul. De 2021.  
<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/julho-das-pretas-os-futuros-imaginados-pelas-mulheres-negras/> Acesso em: 10 de maio de 2024.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, v. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.